



Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 IBovespa nos últimos dias	Dólar Na sexta-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na sexta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,76% São Paulo	171.259 23/6 24/6 25/6 26/6	R\$ 5,167 (- 0,2%)	22/junho 5,141 23/junho 5,187 24/junho 5,202 25/junho 5,178	R\$ 1.621	R\$ 5,885	14,15%	14,15%
0,09% Nova York	173.295						Janeiro/2026 0,33 Fevereiro/2026 0,70 Março/2026 0,88 Abril/2026 0,67 Maio/2026 0,58

NOVO DESENROLA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva lança, hoje, nova etapa do programa que beneficia quem mantem em dia os pagamentos, após negociações, oferecendo melhores condições. Os detalhes serão anunciados em cerimônia no Planalto

Governo vai premiar os bons pagadores

Pref. de Areial/ Divulgação



A proposta é facilitar com juros menores, mais parcelas e prazos

» RAPHAEL PATI

O programa Desenrola, voltado para a renegociação de dívidas em atraso com juros e prazos mais atrativos do que os convencionais, chega a uma nova fase nesta semana. Como antecipado em diferentes ocasiões pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e pelo ministro da Fazenda, Dario Durigan, lançam, hoje, a versão do mesmo programa para os adimplentes.

O foco é incentivar a adimplência por meio da renegociação de dívidas que já foram pactuadas e estão sendo pagas em dia, mas que contam com prazos muito longos e/ou juros mais elevados do que o normal. A ideia é dar mais fôlego às famílias que, mesmo tendo condições de cumprir com as obrigações financeiras, sentem o peso dos juros altos a cada mês.

Em visita na semana retrasada à Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e

Desenvolvimento Rural, o ministro da Fazenda, Dario Durigan, adiantou que o governo federal iria premiar os “bons pagadores”, que mantêm em dia as contas. “Esse o valor que a gente precisa defender. E reconhecer que se em algum momento nós tivemos uma dívida, um serviço de dívida alto por conta dos juros, que a gente pode, com uma economia forte, ajudar as pessoas do país a voltarem a pagar em dia as suas prestações”, disse.

A ampliação do programa para os bons pagadores, no entanto, não agradou as instituições financeiras e o sistema bancário. Se na primeira fase do Desenrola, a resistência dos bancos foi velada ou quase inexistente, com a inclusão dos adimplentes, a reação deve ser outra. A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) sinalizou sua contrariedade por meio do presidente da entidade, Isaac Sidney.

Para Sidney, o Desenrola Adimplentes sofre uma “resistência da indústria bancária”, como um todo, e trata-se de um “programa

genérico”. “A necessidade de reforço de uma garantia e repactuar, de uma forma genérica, dívidas que não têm atraso, é estimular a inadimplência, é fazer com que haja impactos relevantes na racionalidade econômica daquela operação”, afirmou.

Em junho, o secretário de Reformas Econômicas, Regis Dudena, rebateu as críticas sobre a medida. Ele ressaltou que a iniciativa serve como um incentivo para a adimplência, e não como estímulo ao atraso: “As pessoas tomaram esse crédito a juros muito altos e estão pagando. Elas precisam receber um alívio neste momento, incentivando-as a permanecer adimplentes”.

A nova etapa do Desenrola Adimplentes ocorre às vésperas do início do período de Defeso Eleitoral, quando a legislação proíbe a publicidade de “atos, programas, obras, serviços e campanhas” por órgãos públicos até três meses antes do primeiro turno das eleições — 4 de julho, no próximo sábado.

» ponto a ponto | WELBER BARRAL | EX-SECRETÁRIO DE COMÉRCIO EXTERIOR E CONSULTOR

Novos acordos reduzirão dependência dos EUA

Nas mais distintas reuniões e rodadas de megociação, o comércio exterior está entre os temas principais desde que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, assumiu pela segunda vez a Casa Branca. Além de ser assunto constante do republicano em discursos — que acusa diretamente outros países de prática predatória e injusta com os

norte-americano — as tarifas viraram um instrumento de intimidação internacional pelos EUA, com o objetivo de obter acordos comerciais mais vantajosos, como destacam especialistas no assunto. Secretário de Comércio Exterior durante o segundo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Welber Barral — que também é sócio-fundador da BMJ Consultoria — acredita que o mercado

já digeriu as intenções do presidente norte-americano e agora busca implementar acordos com diferentes países e blocos, para reduzir a dependência sobre os EUA. Entre as oportunidades mencionadas pelo especialista, está o acordo com a União Europeia, que abre as portas para um mercado de renda média superior. Confira os principais trechos da entrevista com o ex-secretário.

TARIFAÇO

O mercado está surpreso e essa é uma das razões pelas quais muitos países estão tentando diversificar e não depender tanto do mercado americano, porque o custo da insegurança é muito alto.

PODER DE DECISÃO

Como a palavra final acaba sendo dele (Trump), mais do que em outros governos americanos, você acaba mesclando temas. Isso não é totalmente inédito. Mas com essa reincidência, principalmente com relação aos Estados Unidos, é muito incomum. E aí você tem países, como é o caso do Brasil, que é um país grande e complexo demais para você achar que vai conseguir resolver alguma coisa sobre minerais críticos, por exemplo, sem o Congresso brasileiro participar, sem o Judiciário participar. Muitas vezes, nos Estados Unidos não há essa diferença.

ANO ELEITORAL

Estamos em ano eleitoral no Brasil em que a preocupação não é a questão externa. A preocupação são, fundamentalmente, temas e debates internos e que não permitem que o Brasil coloque isso como prioridade. Além do mais, os Estados Unidos mencionam temas de negociação, como é o caso de minerais críticos, ou como é a questão, por exemplo, relativa às redes sociais, que nem sequer dependem do executivo. Há questões ali que estão no Legislativo brasileiro e no Judiciário brasileiro,

que mesmo que o governo quisesse negociar, não conseguiria [resolver].

AMEAÇAS

O momento é ruim, também, para os Estados Unidos. Ou seja, o governo Trump está pressionado por conta das eleições de novembro, então quer ter resultados que possam mostrar para o seu eleitorado e que o Brasil não fique só na sina. O Brasil não é um país menor. As ameaças norte-americanas e a questão de tarifas não vão surtir efeito.

INTERESSES

Hoje [o comércio com] os Estados Unidos corresponde a 9% das exportações brasileiras. É o menor percentual em 200 anos. De um lado, você tem setores e empresas que estão muito afetadas. Mas você não tem um efeito sobre a economia brasileira, como um todo. Então, os Estados Unidos conseguiram acordos com a Argentina, com a Guatemala, com o Equador, que o Brasil não vai aceitar. E acho que eles entendem isso.

DIVERSIFICAÇÃO

Quase todos os países da América Latina hoje tem a China como principal parceiro comercial. Isso não é um fenômeno novo. Agora, o que é novo é que desde quando os Estados Unidos começaram a adotar essas medidas, todos os países – não apenas os do Mercosul – começaram a procurar mais acordos comerciais com outros

parceiros, para poder diversificar. Então, você tem um aumento de comércio com outros parceiros.

PREOCUPAÇÃO

Estamos tendo muita demanda no escritório, por exemplo, de várias empresas exportadoras brasileiras que estão sendo afetadas pelos Estados Unidos e estão aproveitando agora para fazer mais investimento, promoção e eventos na Europa, porque o acordo com a União Europeia foi fechado. Então, você está tendo uma diversificação que é do próprio setor privado, que busca alternativas. Essas empresas não podem ficar esperando encerrar negociação. Elas têm que exportar. E, por conta disso, elas estão buscando alternativas.

OPORTUNIDADES

No caso das commodities, carne e alimentos, em geral, o Brasil aumentou muito a exportação para México, Oriente Médio, Europa e Ásia. No caso de alguns produtos industrializados, o setor moveleiro está em busca de novos acordos, com EFTA, União Europeia, onde os produtos ficam mais competitivos, para desviar a exportação para lá.

COMPLEXIDADE

Agora, os Estados Unidos estão ameaçando aumentar as tarifas sobre o Brasil e eles não dizem exatamente o que querem. Pelo menos é isso que a gente tem ouvido. Os Estados Unidos querem uma proposta brasileira e essa proposta, em alguns temas, é

Divulgação/BMJ



muito mais complexa, porque depende de articulação com o Congresso e com o Supremo. Então não é algo tão simples que possa ser resolvido em uma semana.

UE-MERCOSUL

O acordo com a União Europeia foi uma grande conquista. É um mercado de 700 milhões de pessoas com poder aquisitivo muito alto. Então, alguns setores, de cara, já vão ganhar, como alimentos, café, etc., que embora já tenha um efeito imediato, você já tem um efeito de médio e longo prazo, que é a integração produtiva das empresas e o investimento europeu. Agora, cada empresa tem uma estratégia e tem algumas particularidades. No mercado de jato executivo, o maior do mundo é os Estados Unidos. Você não consegue vender jato executivo sem eles. Então, você tem um mercado mais ou menos limitado em outras partes do mundo.

PRODUTOS CORINGA

Eu separo o que é commodity do que é produto industrializado. A commodity vai

ser vendida. A maior ou menor preço, você vai vender soja em algum lugar do mundo. Às vezes você vende a soja sem nem saber para onde ela está indo. Ela passa por várias frentes e vai para algum lugar. Com o açúcar é a mesma coisa. Um mercado de açúcar gigantesco é a Europa, que o Brasil vai crescer. É um mercado de nicho, mas é um mercado de muitos milhões.

DEPENDÊNCIA

Quando se trata de linhas de consumo, como os calçados, hoje é muito dependente dos Estados Unidos e vai se tornar mais competitivo na Europa. Móveis, mesma coisa. Não tem que pagar tarifa na Europa e vai deixar o produto brasileiro mais competitivo. É algo que você consegue mudar de um dia para o outro? Não. Você precisa de promoção, você precisa de marketing, você precisa de distribuição, você precisa de financiamento. Então, não é algo que vai ter um efeito imediato. Mas as empresas estão buscando fazer estratégias para que tenham um mercado aberto na Europa. (RP)